

A (IN)VISIBILIDADE DO ENSINO DE LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NOS CURSOS DE LICENCIATURA

Leoniza Saraiva Santana¹
Maria Isabel Alonso Alves²

RESUMO

Os cursos de Licenciatura, de forma geral, apresentam ou não resquícios da Literatura de autoria feminina no decorrer da formação docente de seus estudantes. Com isso, este trabalho quer discutir sobre a invisibilidade ou a pouca visibilidade que se faz presente nas disciplinas dos cursos para formação de futuros professores. Tal discussão se faz necessária tendo em vista a possibilidade de identificação entre as estudantes leitoras e os escritos das autoras que abrangem a identidade feminina impregnada nas leituras, escrita, linguagem, temas abordados que vão de encontro com as necessidades de várias mulheres. Nesse sentido, este estudo vem apresentar a marginalização histórica da mulher escritora, a luta de várias autoras pelo direito de escrever e publicar, a importância do ensino da Literatura de autoria feminina na formação docente. Para tanto se embasou em alguns escritos de intelectuais como Antônio Candido (2011), Thomas Bonnici (2007), Nelly Novaes Coelho (1993), Lúcia Osana Zolin (2003), Vera Maria Candau (1988), Paulo Freire (2004) e demais autores que trabalham sobre a temática em estudo. Os resultados obtidos foram positivos ao tema em estudo demonstrando que há interesse de que esta literatura escrita por mulheres seja valorizada nos cursos de formação docente.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina, (In)Visibilidade, Ensino.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu das angústias, ainda no período de graduação em Letras (2014 – 2018) no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) *campus* da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em que podemos observar nos estágios, regências, congressos, aplicação de projetos, monitorias, pesquisa de PIBIC, PIBEX e nas aulas presenciais da graduação que a formação inicial para docentes vem enfrentando grandes desafios advindos de mudanças que permeiam as questões políticas, econômicas, sociais, culturais, educacionais, ou seja, tudo que se relaciona com o ser humano em construção constante.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades - PPGECH da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA, bolsista FAPEAM, leoniza.saraiva21@gmail.com;

²Prof^ª. Dr^ª. titular do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas – IEAA/UFAM e membro do PPGECH, isabelalonsojp@gmail.com.

E, no Brasil, estas mudanças vêm ocorrendo em larga escala nas questões educacionais que envolvem o senso crítico do estudante. São muitos os fatores que motivam a (in)visibilidade do ensino de Literatura de autoria feminina nas escolas com ensino básico e depois nas Universidades, especialmente nos cursos de licenciatura. Agora, por que isto ocorre? É proposital em que sentido? Qual a importância da Literatura no ensino? E qual o grau de identificação atribuído às alunas que conhecem a Literatura de autoria feminina? Como o professor deve agir para deixar visível a Literatura escrita por mulheres a seus alunos? Essas e outras questões são ressonantes quando se começa a enxergar que está faltando algo no ensino e que este algo tem a ver com o sexismo ainda presente na sociedade.

Nessa perspectiva o presente estudo objetiva iniciar uma discussão sobre esta (in)visibilidade da Literatura de autoria feminina nos cursos de licenciatura em Ciência da Matemática e Física, Ciência da Biologia e Química, Pedagogia, Letras: Português e Inglês do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA *campus* da Universidade Federal do Amazonas - UFAM que está sediado em Humaitá, no Amazonas há mais de dez anos.

A metodologia utilizada para embasar este artigo é de natureza qualitativa, dado o caráter subjetivo dos objetos estudados, sendo de cunho bibliográfico. Desta forma, a pesquisa tem como aporte teórico no campo da Teoria da Literatura Antônio Candido (2011); Na Literatura Feminina autores como Nelly Novaes Coelho (1993), Lúcia Osana Zolin (2003), Miridan Knox Falci (2009); Na práxis docente Vera Maria Candau (2007), José Contreras (2002) e outros mais.

O desenvolvimento do tema parte da mostragem dos aspectos gerais a respeito da Literatura adentrando na Literatura feminina que está na sociedade, contextualizando-a no Amazonas até chegar dentro do IEAA/UFAM indo de encontro aos cursos de licenciatura e suas problemáticas envolvendo a Literatura de autoria feminina.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa porque segundo González Rey (2005, p. 81)

Representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. Tal representação teórica guia os diferentes momentos da pesquisa e define a necessidade de introduzir novos instrumentos e momentos nesse processo, em dependência das ideias e novos fatos geradores de novas necessidades no desenvolvimento do modelo teórico.

Desta forma, de acordo com o que disse González Rey (2005) a pesquisa quantitativa é cíclica e se redefine visando sempre a melhoria da própria pesquisa quando esta trás novos elementos a serem incorporados aos estudos e com isso haverá o enriquecimento de tal estudo em benefício do conhecimento científico.

Optou-se por esta abordagem de pesquisa porque ela “envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 81). Com isso o autor vem confirmar que o pesquisador se insere em seu campo de pesquisa para falar com mais propriedade do que está estudando. E, assim vai construindo progressivamente, conforme suas reflexões feitas em *lócus*, os resultados para sua pesquisa.

Também neste estudo se fez uso da pesquisa bibliográfica que “trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livro, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43-44). Desta forma, de acordo com as autoras é necessário que seja verificado o que foi escrito sobre este assunto e a partir daí aprofundar na pesquisa em estudo para comprová-la ou refutá-la.

Lócus da pesquisa, coleta de dados e público alvo

O estudo foi desenvolvido no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA *campus* de Humaitá, sul do Amazonas no período de março de 2015 a julho de 2019. Sendo que o público alvo foram os estudantes (dos mais diversos períodos) dos quatro cursos de Licenciatura presentes no IEAA (Licenciatura em Pedagogia, Ciência da Matemática e Física, Ciência da Biologia e Química, Letras: Português e Inglês) durante os intervalos das aulas, refeições no R.U., greves, paralisações, presenças em Congressos/Seminários no Instituto, etc. Foram realizadas conversas informais (cerca de 120 com todos os quatro cursos tendo participação) para verificação de que autoras estavam estudando em seus cursos e confirmadas na pesquisa bibliográfica o que causava este pouco caso com os escritos de mulheres intelectuais.

Etapas de execução

A pesquisa foi feita de maneira espontânea em que a princípio eram somente conversas no R.U., salas de aula, nas elaborações de ACE's, etc, em que aos poucos foi chamando a atenção do porquê as escritoras eram tão escassas nas falas dos docentes no

IEAA. Então, sempre que havia oportunidade adentrávamos no assunto com os mais variados cursos para sondar se era real tal visão que se desenhava sobre essa questão da mulher escritora e marginalizada.

Desta forma, não há a coleta de dados feitas por entrevistas, mas algumas anotações pontuais das falas dos estudantes do IEAA dos quatro cursos de Licenciatura que se fazem presentes no Instituto. Assim, não se identificaram os sujeitos, somente os cursos em questão.

Análise dos dados

Com as anotações feitas das conversas aleatórias com os estudantes das licenciaturas obtivemos alguns dados que foram analisados a partir da pesquisa bibliográfica. Isto porque o intuito, neste primeiro momento, é saber o que os autores falam sobre esta problemática detectada: a falta ou a pouca visibilidade dada às autoras nos cursos de licenciatura.

DESENVOLVIMENTO

A Literatura e sua importância

Ao se falar sobre Literatura tinha-se em mente que esse “privilégio” era reduto de algumas pessoas cultas e letradas. Essa perspectiva foi sendo desconstruída com o passar dos tempos por muitos teóricos que foram demonstrando o poder social da arte de escrever sobre a vida. Assim, a literatura, segundo Antonio Candido (2011) é a comunicação entre autor-obra-público que se entrelaçam e se ligam simultaneamente, desta forma,

A literatura é pois um sistema vivo de *obras*, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer *público*; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o *autor*, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (p. 84, grifos nossos).

Com isso, Candido (2011) vem apresentando a vivacidade e importância da literatura para a sociedade; ele a define como “um sistema vivo” e este necessita de um feedback da sociedade que a lê, a critica e a aceita conforme a realidade que a cerca. Também salienta sobre o papel da literatura que é

[...] essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos,

ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (CANDIDO, 2011, p. 187).

Candido (2011) chama a atenção para o papel da literatura que é o de não dá respostas, mas o de instigar a sociedade em suas mazelas e necessidades. Com isso, o autor provoca o leitor que reconta a sua versão da história e produz novas histórias não deixando a roda literária engessar. E isso, é o que faz a literatura perdurar por séculos.

A mulher na literatura brasileira

O Brasil, historicamente, vem marcado por uma sociedade patriarcal em que a mulher teve seu espaço reduzido ao lar e as prendas domésticas. Com isso, o direito a leitura, escrita e frequência em escolas das formalistas eram somente para as moças brancas, de famílias ricas e, mesmo assim, muitas delas só estudavam até certo ponto que os pais, irmãos ou noivos permitissem. E, muitas vezes os professores lecionavam nas casas das moças de família abastada. Assim se iniciou a história das mulheres letradas no Brasil.

Com os homens indo para as guerras quem tomava conta da casa, filhos e negócios eram as mulheres. E, deste período crucial no Brasil surgiram escritoras que foram relegadas ao esquecimento e até mesmo proibidas de demonstrar seus talentos ficando no anonimato até que a crítica literária as trouxesse à tona. Mulheres como Nísia Floresta, Maria Firmino dos Reis, Maria Benedicta Camara Bormann, Júlia Lopes, Carolina Nabuco que em suas épocas foram o diferencial em seus posicionamentos.

Zolin (2003, p. 165) salienta que essas vozes femininas “romperam o silêncio e publicaram textos de alto valor literário, denunciadores da opressão da mulher, embora a crítica não os tenha reconhecido na época”. E Falci (2009, p.253) acrescenta que “Outras mulheres, contrariando as expectativas sociais, tornaram-se poetisas”. Dentre essas estão Narcisa Amália dos Campos (1852-1924), Gilka Machado (1893-1980), Violeta Branca (1915-2000), Cora Coralina (1889-1985), Cecília Meireles (1901-1964) para citar algumas das poetisas brasileiras que também foram as pioneiras na arte da escrita no Brasil. Escrita esta feita por aquelas que lutaram para serem valorizadas em uma sociedade que as marginalizavam.

Apesar de terem que usar pseudônimos ou até mesmo anular-se com pequenas frases como fez Maria Firmino dos Reis em seu primeiro livro *Úrsula* (1859) em que utilizou a seguinte frase: “Escrito por uma maranhense”. Tudo para que sua identidade não fosse

identificada de imediato. O medo tomava conta daquelas mulheres que ousavam escrever suas histórias. De acordo com Lobo³ (1999, p. 5) também na Europa não foi diferente

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (LOBO apud ZOLIN, 2003, p. 253).

Lobo (1999) salientou que a luta pelo espaço também foi vivenciado fora do Brasil e a mulher foi descobrindo seu espaço e lutando para que este não fosse mais fechado a ela. Desta forma, conquistaram o direito de pertencer as Academias de Letras espalhadas pelo vários cantos do Brasil, publicar seus livros e de serem reconhecidas como escritoras competentes tanto quanto os homens o eram. Mas para chegar neste patamar muitas lutas foram travadas entre as mulheres feministas e uma sociedade que insiste em sua filosofia sexista. Conforme elucidada Zolin (2003)

A crítica feminista, surgida por volta de 1970 no contexto do feminismo, fez emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Tomando como elemento norteador a bandeira do feminismo e, portanto, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constitui como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura (p. 253).

O que Zolin (2003) está enfatizando tem a ver com o cânone masculino da literatura brasileira que era tido como a escrita válida, oficial, regulamentada perante a sociedade brasileira até que surgiram as mulheres para falarem de suas dores, angústias, desejos, alegrias e tudo o mais que desejassem levando a tentativas quebras de estruturas machistas que perduram até os dias atuais. Surge oficialmente para a sociedade a Literatura de autoria feminina que traz a mulher como protagonista de sua história índia, negra, mestiça, branca, imigrante, pobre, rica, gorda, magra, jovem, idosa, enfim, busca mostrar as mulheres presentes na riqueza de miscigenação que o povo brasileiro.

E no Amazonas, de acordo com o professor e escritor Allison Leão (2006), os estilos dos escritores amazonenses ou que escreveram sobre o Amazonas é variado e por isso mesmo

³ LOBO, L. Literatura de autoria feminina na América Latina. Revista Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>> Acesso em: 17 jun. 1999a.

rico em diversidade estilística. Com toda essa riqueza de diversidades destacaram-se as poetisas amazonenses: Violeta Branca Menescal de Vasconcelos (1915-2000); Aurolina Araújo de Castro (1933-2004); Mady Benoliel Benzecry (1933-2003); Astrid Cabral (1936); Maria José Hosanah (1943); Rosa de Nazaré Silva Clement (1954); Regina Lúcia Azevedo de Melo (1959); Ana Célia Ossame (1962); Rita de Cássia Cardoso Dutra de Alencar e Silva (1963); Cândida Maria da Silva Alves (1964); Elizeth Serrão Rodrigues (1966). E estas desenvolveram diversas temáticas que versavam sobre o valor da mulher na literatura. Assim, Marina Colasanti (1993) diz que

[...] Somos mutantes, mulheres em transição. Como nós, não houve outras antes. E as que vierem depois serão diferentes. Tivemos a coragem de começar um processo de mudança. E porque ainda está em curso, estamos tendo que ter a coragem de pagar por ele. [...] Saímos de um estado que embora satisfatório, embora esmagador, estava estruturado sobre certezas. Isso foi ontem. Até então ninguém duvidava do seu papel. Nem homens, nem muito menos mulheres. [...] Mas essa certeza nós a quebramos para poder sair do cercado (COLASANTI⁴ apud COELHO, 1993, p. 14).

Colasanti (1981) vem destacar que as mulheres lutaram e continuam lutando por seu espaço, sua voz nos mais diversos ambientes. Porém sabe-se que não foi e nunca será fácil ir contra ideologias, mas também as desbravadoras mostraram um caminho que hoje é seguido por inúmeras escritoras.

Valorização das autoras e seus escritos nos cursos de Licenciatura

As mulheres, como vimos no tópico anterior, lutaram e continuam lutando para serem respeitadas em sua intelectualidade. Mas é um caminho que ainda possui muitas barreiras marcadas por tradições seculares de preconceito que devem ser desconstruídas em todos os âmbitos da sociedade. Para isso é necessário que as instituições educacionais básicas e de ensino superior caminhem junto com a luta do feminismo e valorizem as mulheres com seus escritos. Conforme Candau (2007) o professor deve ter o compromisso com a eficiência do ensino. Assim,

[...] perguntarmo-nos pela razão de ser e pelo serviço de que e de quem esta eficiência se situa. A busca de alternativas que viabilizem o acesso ao saber escolar pela maioria da população é indispensável. Ao mesmo tempo, o próprio saber escolar deve ser objeto de uma revisão qualitativa. É nesta perspectiva que situamos o ensino eficiente (p. 127).

⁴ COLASANTI, Marina. **Mulher daqui pra frente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1981.

Candau (2007) traz esta preocupação do ensino ser eficiente para com a sociedade, pois esta precisa ser estudada como um todo e quando se marginaliza a escrita feminina acaba por não proporcionar ao educando a totalidade, com isso tem-se a deficiência no ensino e na aprendizagem.

Nas instituições de ensino superior é imprescindível que o professor tenha uma visão mais ampliada da Literatura e trabalhe as várias autoras com suas temáticas pertinentes ao curso de Licenciatura que está formando novos profissionais na área do ensino. E, destes profissionais dos cursos de formação docente no IEAA de Humaitá - Amazonas a maioria, principalmente nos cursos de Pedagogia e Letras, são mulheres que não têm conhecimento de autoras que versam sobre os seus anseios e que não têm a oportunidade de conhecê-las para identificar-se com a causa feminina ou não. Desta forma o professor trabalhará a inclusão em um mundo marcado pela exclusão. Conforme Zolin (2003, p. 260)

Diante desse pequeno panorama da trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, *pode-se dizer que, se as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e, conseqüentemente, na literatura, o final do século XX assistiu a uma considerável reviravolta nesses domínios: o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto legítimo de pesquisa. No entanto, resta ao pesquisador e ao professor de literatura fazer com que essas vozes “outras” sejam ouvidas não apenas entre eles próprios, nos limites das reuniões acadêmicas, dos grupos de trabalho e dos seminários que se debruçam sobre a temática “Mulher e Literatura”, mas também nas salas de aula, numa atitude de renovação e não de perpetuação de ideologias hegemônicas, como a patriarcal (grifos nossos).*

Zolin (2003) destaca a importância do professor/pesquisador ser esse agente de discussão e renovação buscando levar para a sociedade que vem para as salas de aula, através dos acadêmicos ou até de atividades de expansão, a importância da Literatura de autoria feminina. Este pensamento se enriquece quando em Contreras (2002) encontramos apontamentos sobre o professor reflexivo que traz esta abertura para que o professor reflita sua prática e a modifique quantas vezes forem necessárias para que o estudante tenha a oportunidade de apreender o ensino a sua volta.

Com isso Bachelard (1986) diz que “o conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão, jamais retidão plena e definitiva, sempre permanente retificação”. Desta forma, a valorização do conhecimento é vital para que se tenha a abertura de que o ser humano é eterno aprendiz com erros e acertos buscando sempre o melhor ângulo para que o ensino e a

aprendizagem ocorra com eficiência e eficácia. Neste caso, incluindo a literatura feminina na formação docente dos acadêmicos do IEAA/UFAM.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No transcorrer da pesquisa no IEAA/UFAM de Humaitá no sul do Amazonas, pode-se perceber que havia o estranhamento dos discentes quando nas conversas informais eram citadas autoras das mais variadas linhas de pesquisa. Isto só confirmava que os mesmos não tiveram acesso à leitura de tais textos nas etapas de sua formação. Não havia memória da leitura literária e nenhum tipo de conhecimento do gênero.

As mulheres escritoras que os acadêmicos dos cursos de licenciatura do IEAA apresentaram como lembrança vieram, em sua maioria, das áreas de Pedagogia e Letras. Autoras como: Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Emily Dickson, Nelly Novaes Coelho, Emília Ferreiro, Vera Maria Candau, Selma Pimenta, Cecília Meireles, Rachel de Queirós, Lygia Bojunga, Cora Coralina, Lygia Fagundes Telles, Marilena Chauí, Jojo Moyes, Suzanne Collins, E. L. James, Stephenie Meyer, Lauren Katen, Jenny Han, Maggie Lehrman, J. K. Rowling, Megan Maxwell, Tammara Webber, Danielle Steel, Sidney Sheldon, Kiera Cass, Cassandra Clare, Kate Chopin, foram algumas das autoras lembradas pelos discentes durante a pesquisa.

Os estudantes dos cursos de Matemática e Física e de Biologia e Química foram mais reticentes e não se esforçaram muito para responder. Logo diziam não conhecer nenhuma autora e nem se lembravam de mulheres escritoras ou lembravam-se de alguma, mas já faz muito tempo. Argumentavam que os professores não salientavam sobre escritoras e que nas cópias de materiais usados por eles nas disciplinas, não tinham recordação dos nomes das pessoas que tinham escrito os textos estudados em sala. Conforme um dos estudantes do curso de Matemática e Física,

Não tenho lembrança de autoras estudadas até o momento em nossa graduação, temos professoras no curso, mas escritoras ainda não vi. Também não sei se no decorrer dos estágios vamos ter este tipo de acesso, mas não conheço mulheres que escrevem livros da nossa área. Quando era estudante do 6º ano recordo de um texto de Cecília Meireles sobre uma rua ou algo assim. Outras autoras não sei dizer.

Nota-se que o acadêmico de Matemática e Física tem vaga lembrança de um texto lido no 6º ano do ensino fundamental e que de lá até o presente momento parece que uma lacuna

se construiu em sua memória. Isto preocupa até porque legitima voz apenas aos homens como escritores e perpetua uma tradição machista na escrita.

É extremamente necessária a leitura de autoras dos mais diversos assuntos na graduação. Isto porque mostra aos acadêmicos que as mulheres são tão capazes quanto os homens de esquematizar seus pensamentos e fazer pesquisa com qualidade. É o que demonstra a fala de uma estudante do curso de Pedagogia.

Eu aprendi a conhecer leitura no curso de Pedagogia com minhas professoras e com meus professores. Eles me ensinaram tudo que sei hoje. Minhas professoras passaram vários textos escritos por mulheres que lutavam pela educação inclusiva, feminina, sem preconceitos...elas me ensinaram que a luta é diária. Hoje, fora do curso, já formada, leciono para um programa da igreja católica de inclusão de pessoas de baixa renda e passo para minhas alunas e alunos as autoras que aprendi a ler na Literatura infantil do curso de Pedagogia do IEAA e eles amam (Relato de uma aluna egressa do curso de Pedagogia).

Ao analisar esta fala da ex-acadêmica do curso de Pedagogia do IEAA constata-se que o ensino de literatura feminina aprimora a visão das mulheres sobre suas dificuldades, identifica-as com a realidade das outras e fortifica-as para a luta política diária. Esta luta que se faz em todos os setores por onde as mulheres transitam. Ensinar para as crianças que deve haver o respeito entre homens e mulheres e suas opções é fundamental para termos uma sociedade saudável. Outro relato que se destaca é o de uma aluna que era do curso de Biologia e Química e migrou para o curso de Letras no IEAA. Ela diz que,

Sempre fui curiosa! Adorava saber de tudo. Fiz o Enem e vim para UFAM cursar Biologia e Química, até achava legal as aulas, mas faltava leituras de ficção que eu amo...então me escondia nos intervalos das aulas embaixo da escada do bloco 1 e lá ficava por horas e horas lendo livros de E. L. James, Stephenie Meyer, J. K. Rowling que são autoras que adoro. E lia outros mais que viraram série de tv até muito famosas atualmente. Mas não via nada de autoras no curso que fazia e escutava o pessoal do curso de Letras falar de cada livro legal no curso deles, grandes autoras que resolvi: vou fazer Enem novamente e vou para Letras. Foi o que fiz e hoje curso Letras no IEAA e leio vários livros legais de autoras renomadas (Relato de uma ex-acadêmica do curso de Biologia e Química e agora acadêmica do curso de Letras).

A realidade desta acadêmica do curso de Letras é outra. Aqui se percebe que ela já veio com o desejo pela leitura e buscou isso no curso que melhor lhe pareceu abranger tal desejo. Mas outros estudantes não têm esta aptidão e nem docentes demonstram este desejo de

alimentar, muito menos de acrescentar ao currículo autoras para serem analisadas, estudadas pelos discentes. Como argumenta Pimenta e Anastasiou (2010)

A mediação reflexiva é tarefa complexa que exige conhecimento. [...] Entendemos que a educação é um processo de humanização, que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos em participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante (p. 78 e 80).

Pimenta e Anastasiou (2010) vêm trazer a questão da mediação reflexiva para dentro das salas de aula e acrescentam que o conhecimento é importante na formação humana dos futuros professores. Assim, o que se quer na educação é a inclusão de todos para que haja a participação efetiva de homens e mulheres com igualdade no processo de ensino e de aprendizagem. Então, de acordo com a pesquisa feita no IEAA/UFAM está faltando esta inclusão, apesar de terem aparecidos resquícios das memórias de alguns dos estudantes e nem todos serem demonstrados neste estudo, mas apenas a ponta do iceberg.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portantanto, com esta pesquisa informal que se iniciou por curiosidade e que depois gerou várias angústias pode-se detectar que no IEAA/UFAM campus de Humaitá no sul do Amazonas faz-se necessária a inclusão mais explícita das autoras nas aulas aplicadas nos cursos de Licenciatura (Ciência da Matemática e Física, Ciência da Biologia e Química, Pedagogia, Letras: Português e Inglês) do referido campus.

Assim, os estudantes terão um leque muito maior de opções para leitura e propagação seus conhecimentos podendo ter a visão feminina e masculina de um mesmo tema. Com isso muitas estudantes irão poder identificar-se com as realidades trazidas por autoras que antes eram desconhecidas. E os acadêmicos poderão enriquecer-se ainda mais porque o conhecimento foi propagado.

Espera-se que este estudo possa ser aprofundado ainda mais para que sejam discutidas tais questões e com isso resultados positivos sejam alcançados na ciência como um todo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de Teoria e História Literária**. 12. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A Didática em questão**. 27. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COLASANTI, Marina. **Mulher daqui pra frente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1981.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Sandra Trabucco Valenzuela (tradução). São Paulo: Cortez, 2002. p. 105-132.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. Marcel Aristides Ferrada Silva (tradução). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres no sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 241–277.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 1992.

LOBO, Luiza. Literatura de autoria feminina na América Latina. **Revista Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em:
<<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>> Acesso em: 17 jun. 1999a.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2007. p. 161–182.

_____. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2007. p. 253–261.